

Editorial

BRIGA DE IRMÃOS

A Arábia Saudita rompeu relações diplomáticas com o Irã depois que sua embaixada foi incendiada em Teerã, em protesto contra a execução de um eminente clérigo xiita, acusado de terrorismo pelo governo saudita.

A aplicação da pena de morte é comum aos dois países. Junto com o clérigo, foram executados outros 46 xiitas. Por sua vez, no ano passado, o Irã executou mais de mil pessoas, sob as mais diferentes acusações.

A pena de morte é a forma bárbara como os governos desses países controlam a sua população. O clérigo fazia oposição ao governo saudita, que representa a maioria sunita da população do país.

As diferenças entre xiitas e sunitas existem há mais de 1.500 anos. E hoje se manifestam na divisão geopolítica da região, com países que se orientam por uma ou por outra vertente do islamismo.

Essa conjuntura deixa desorientados os países ocidentais. Os Estados Unidos são aliados históricos da Arábia Saudita, maior produtor de petróleo do mundo e que manipula os preços internacionais desse produto.

Atualmente, os norte-americanos combatem, na Síria e no Iraque, o Estado Islâmico, que teve origem na derrubada do regime sunita de Saddam Hussein. No seu lugar, os EUA impuseram um governo xiita.

Isso facilitou o acordo nuclear entre os EUA e o Irã, que apoia o governo alauíta (pró-xiita) de Bashar al-Assad na Síria, combatido pelos norte-americanos. A Arábia Saudita não apoia os EUA contra o Estado Islâmico.

O recrudescimento do conflito Irã-Arábia Saudita expõe quanto é variável e precário o equilíbrio de forças na região. No apagar das luzes do governo Barack Obama, esse passa a ser o problema principal.

Os EUA, que tinham prometido destruir o Estado Islâmico, vão ter de dedicar, agora, toda a atenção a esse fato novo, que não será resolvido apenas com apelos para o respeito aos direitos humanos.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares
GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING
Monique Araki
GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORIA EXECUTIVA
Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha
CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes
EDITORES
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Dilma: “A gente pode até dar uma envergadinha, mas não quebra”

A presidente entende que sofre preconceito de gênero

Hildegard Angel tuitou: “Lo Prete comandando ‘Painel na TV’ em que discutem fórmulas variadas para arrancar Dilma do cargo, mesmo que não haja motivo legal para isso!” (2.1.2016). Eis o sexismo/machismo explícito! Respondi: “É impressionante a impregnação de sexismo que alicerça o ‘querer’ tirar @dilmabr do cargo! Pode analisar os mil e um desejos”.

A presidente Dilma entende que sofre preconceito de gênero: “Alguma vez você já ouviu alguém dizer que um presidente do sexo masculino coloca o dedo em tudo? Eu nunca ouvi falar disso. Eu acredito que há um pouco de preconceito sexual ou um viés de gênero. Sou descrita como uma mulher dura e forte que coloca o nariz em tudo e estou cercada de homens meigos” (“The Washington Post”, 25.6.2015).

“A burguesia brasileira e seu apêndice cecal, os novos-ricos, evidenciam uma fixação vitoriana degradante na sexualidade da presidente”, como eu disse em “A burguesia sem charme, sem finesse, machista e despuerada” (**O TEMPO**, 7.7.2015).

Há um contexto de exacerbação de ódio de classe, de racismo e de horror aos pobres no Brasil, pari passu ao minúsculo exército de reserva para trabalhos servis a preços vis desde quando Lula declarou: “O Brasil só será uma nação minimamente justa quando todos os brasileiros tiverem o direito de fazer três refeições por dia”, o que, para os partidários da filosofia da miséria, é uma heresia!

Relembro: “Extinguir a fome foi o eixo político que inspirou Lula a criar o projeto Fome Zero, em 16.10.2001, pe-

lo Instituto da Cidadania, por ele coordenado. Quando Lula assumiu a Presidência da República, o projeto virou o programa Fome Zero, que em 20.10.2003 recebeu um aporte vigoroso: o Bolsa Família, com decisões visionárias que retiraram o Brasil do Mapa da Fome da ONU em 2014. (...) o Bolsa Família investe apenas 0,8% do PIB e contempla 50 milhões de brasileiros (um em cada quatro cidadãos está no Bolsa Família), e sem tal dinheiro mais de 25% dos brasileiros ainda estariam passando fome (Disse Maiakóvski: gente é pra brilhar com brilho eterno!”

Se o derrotado tivesse perdido para um homem, não estaria aí engendrando crises políticas num momento de dificuldades econômicas!

(**O TEMPO**, 11.8.2015).

Escrevi em “Por que o programa Bolsa Família desperta tanto ódio de classe?” e sou incansável em repetir que ele “é o maior e mais importante programa antipobreza do mundo e foi copiado por 40 países – é uma ‘transferência condicional de renda’ que objetiva combater a pobreza existente e quebrar o seu ciclo” (**O TEMPO**, 11.6.2013). E Dilma honra o compromisso, o que ensandece ainda mais o ódio de classe que “quer porque quer” expurgá-la da Presidência da República.

O ódio de classe recebe aportes de fôlego do machismo/sexismo, já que os “contra” ousam fazer com Dilma o que jamais

fariam com um homem na Presidência da República, a começar pelo derrotado nas eleições de 2014. A birra renitente em não aceitar a derrota até agora é o inconformismo de perder pra mulher!

Não há dúvida de que, se o derrotado tivesse perdido para um homem, já se teria calado e não estaria aí engendrando crises políticas num momento de dificuldades econômicas! É verdade que “as denúncias de corrupção envolvendo a Petrobras, o aumento da energia elétrica e dos combustíveis e a adoção de uma política econômica baseada na austeridade fiscal fizeram a popularidade do governo cair rapidamente” (“O ano em que Dilma ‘deu uma envergadinha’, mas não quebrou”, Marco Weissheimer, 3.1.2016).

Palavras da nossa presidente, em 22.12.2015, que quer deixar como marca do seu governo uma enorme redução na desigualdade social: “A gente pode até dar uma envergadinha, mas não quebra”.

DUKE

